

# A GLOBALIZAÇÃO NA ÓTICA DO JORNALISMO OPINATIVO

Roseane ANDRELO<sup>1</sup>

Em 1997, a situação frágil da Tailândia, marcada pela desaceleração no crescimento econômico e baixa nas exportações, desencadeia o que ficou conhecido como crise asiática. No ano seguinte, atingida pela falta de confiança entre investidores internacionais em decorrência do problema na Ásia, a Rússia decreta moratória, determinando a suspensão por 90 dias do serviço da dívida externa. Com a alegação de que o caso russo era sistêmico e que, portanto, havia a necessidade de um plano de metas para esforço fiscal, o governo brasileiro anuncia em 1999 a desvalorização cambial. Essas três situações, ocorridas em um período de trinta meses, assumiram proporções globais e, juntas, levaram a uma crise do capitalismo mundial.

Esse é o cenário que Danilo Rothberg usa para analisar a construção da esfera pública sobre o papel do FMI, mais especificamente no que diz respeito às ações do Fundo Monetário Internacional nas crises asiática, russa e brasileira, tanto nos “pacotes” de socorro quanto nas condicionalidades impostas. O autor pesquisou o jornalismo de opinião – editoriais, artigos e comentários – de três meios de comunicação de alcance global: Folha de S. Paulo (FSP), Financial Times (FT) e The Wall Street Journal (WSJ). Foram 931 textos coletados, dos quais 180 selecionados para uma análise minuciosa. A pesquisa, desenvolvida para a tese de doutorado defendida no programa de Sociologia da Unesp de Araraquara, foi selecionada para publicação pelo Programa de Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da Editora UNESP e transformada no livro *O FMI sob ataque – recessão global e desigualdade entre as nações*.

A importância do objeto de pesquisa e a forma como a investigação foi conduzida fazem do livro leitura obrigatória para quem quer entender como se dá a formação da esfera pública sobre a globalização financeira e o papel exercido nesse contexto pelo FMI. Rothberg sistematiza de forma criteriosa conceitos de economia, sociologia e política, permitindo ao leitor a compreensão da problemática apontada pelos meios de comunicação selecionados. Para isso, também utiliza o aporte de teóricos dos estudos de comunicação, como Bourdieu (1998) e Habermas (1984).

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestre em Comunicação (Unesp/Bauru) e doutoranda em Educação Escolar (Unesp/Araraquara). Centro de Ciências Sociais Aplicadas – USC – Universidade do Sagrado Coração – 17011-160 – Bauru – SP – Brasil.

O livro é estruturado em duas partes. Na primeira, discute as origens e a transformação do papel do FMI, com uma ampla caracterização do Fundo. O autor resgata seu surgimento em 1944, com a proposta de permitir o crescimento global ordenado, estabelecendo a ordem monetária internacional de forma a prevenir novos conflitos. As funções do FMI são analisadas em fases distintas. A primeira, caracterizada pela estabilidade econômica, vai até 1958, período em que busca favorecer a cooperação multilateral entre os países-membros que, em contrapartida, concordavam com a paridade em relação ao dólar e contribuía com a geração de fundos.

Na segunda, de 1959 a 1971, o FMI sobrevive a um ambiente instável, marcado por uma ordem financeira liberal, e passa por reformulações: o papel de reserva do ouro é reduzido, as taxas cambiais flutuantes legalizadas e a paridade das moedas passa a ser determinada pelos países-membros. O contexto é de mercado livre, com a expansão das multinacionais americanas, por meio da qual a hegemonia dos Estados Unidos se consolida. Assim, a partir da década de 1970, o papel do FMI é ligado à hegemonia dos Estados Unidos.

Nesse cenário, ganha destaque o conceito de globalização financeira, ou mundialização do capital, caracterizada por desregulamentação, desintermediação e abertura dos mercados financeiros (CHESNAIS, 1996). O aporte de Harvey (1993) também é utilizado para relacionar as causas da liberalização dos mercados financeiros com o esgotamento do modelo fordista-keynesiano de produção e expansão capitalista. Esse processo é fortemente marcado pela atuação do FMI. “Prestando consultoria ou emprestando dinheiro, o Fundo esteve ativo em situações de crise ocorridas entre 1976 e 1983.” (ROTHBERG, 2005, p. 34).

Ainda na primeira parte, o autor resume as principais turbulências enfrentadas pelo Fundo, no período de janeiro de 1997 a junho de 1999. Descreve o socorro dado e, conseqüentemente, as condições impostas, por ocasião da crise asiática, da moratória russa e da desvalorização cambial brasileira. Informações importantes, ainda que resumidas, para a compreensão das questões apontadas pelos meios de comunicação selecionados, ao analisarem o papel do FMI.

O livro de Rothberg, segundo matéria publicada pelo jornal Valor Econômico, “[...] recupera parte da tese cristalizada há tempos por intelectuais como Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de economia”, segundo a qual “[...] o dilema do Fundo estaria em seu controle pelos países industrializados e em sua poderosa rede de relações com o Banco Mundial, o Departamento do Tesouro dos EUA e instituições financeiras de Wall Street. O resultado, na maioria das vezes, seria a concessão de privilégios a seus pares.” (BORGES, 2005) E é justamente na atuação do Fundo, do Banco Mundial e da OMC (Organização Mundial do Comércio) que ele busca

explicações para entender o que deu errado com o processo de globalização. Stiglitz, que foi chefe do Conselho de Consultores Econômicos do governo de Bill Clinton e economista-chefe e vice-presidente sênior do Banco Mundial, tornou-se um crítico do FMI, que, segundo ele, prioriza os interesses de Wall Street em detrimento dos interesses das nações mais pobres.

Na segunda parte, o autor retoma a caracterização das perspectivas envolvidas na luta pela hegemonia do poder simbólico, os embates ocorridos e mostra como eles influenciam a atuação do FMI e também dos países membros. Para isso, faz uma leitura das entrelinhas do jornalismo opinativo dos três jornais selecionados. “Essa escolha permitiu confrontar como países de diferentes estaturas na geopolítica mundial representam seus próprios interesses e consideram as pretensões de outras nações.” (ROTHBERG, 2005, p.12).

Essa análise é a principal contribuição do livro. A realização de uma pesquisa sistematizada envolvendo três jornais que exercem importante influência sobre a formação da esfera pública, por si só, já seria válida. A leitura da obra, porém, torna-se ainda mais envolvente ao apresentar resultados que, de certa forma, são inesperados. A atuação sectária do FMI, comprometido com a defesa dos interesses dos países que são seus principais cotistas, é vista com naturalidade até mesmo pelos países mais favorecidos por ele. Mais do que isso, Folha de S. Paulo, Wall Street Journal e Financial Times, em suas seções de jornalismo opinativo, demonstram reprovação à atuação do FMI, embora a partir de perspectivas diferenciadas.

Segundo Rothberg (2005, p.103) o FT avalia que o Fundo “[...] serve à manutenção das vantagens norte-americanas em quaisquer locais onde os Estados Unidos tenham ‘interesses decisivos, sistêmicos ou estratégicos’”. Assim, o jornal contribui para a formação de uma esfera pública favorável à atuação do FMI. O WSJ vê de forma positiva o fato de o Fundo preservar interesses norte-americanos no mundo, mas critica duramente a atuação do FMI, tida como incompetente. Já a FSP tende a ver a parcialidade como prejudicial ao Brasil, uma vez que representa a perda da soberania brasileira.

Muitas das críticas ao FMI resgatadas dos jornais analisados já foram feitas por analistas de diversas áreas. Mas, ao identificá-las de forma sistemática na esfera pública da mídia em questão, o autor mostra que não se trata de cenários pontuais ou restritos a correntes marginais de oposição. “É relevante e necessário perceber como interesses contraditórios entre países ricos e emergentes são tratados pelo jornalismo opinativo das respectivas nações, preenchendo a esfera pública a fim de influenciar atores sociais e agentes econômicos.” (ROTHBERG, 2005, p.112).

Se as palavras de ordem contra o FMI são velhas conhecidas da população em geral, Rothberg permite que elas saiam do campo do senso comum e encontrem

argumentos consistentes e embasados por jornais de ampla tiragem e alcance. Assim, o livro é leitura essencial a quem pretende compreender a atuação do Fundo de forma crítica e também como essa análise se faz presente na esfera pública a partir do jornalismo opinativo.

ROTHBERG, D. **O FMI sob ataque**: recessão global e desigualdades entre as nações. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

## Referências

BORGES, R. As relações delicadas do Fundo Monetário. Valor Econômico, São Paulo, out. 2005. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br>>. Acesso em: 12 jan. 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.